

Paulo Osorio

# Aguilhadadas

---

Publicação mensal  
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 6 — Novembro de 1903

*Editor — Alberto Ferreira das Neves*

*Administração: Avenida de Carreiros, 250*

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178 — Rua de D. Pedro — 184

1871 - 1872

Journal of the ...

1871

Journal of the ...

1871 - 1872

PAULO OSORIO

---

# AGUILHADAS

N.º 6 — NOVEMBRO DE 1903

---

---

*A comedia d'uma*

*Homenagem*

**C**orreu mundo a balela de que nem todo o povo portuguez, d'aquem e d'além mar, acocorava sem pio ante o nome de Eça de Queiroz, e logo um grupo de intimos do romancista tomou sobre si o delicado encargo de chamar ao redil das ovelhas boquiabertas a meia duzia solitaria e inoffensiva dos tresmalhados bichos. Grupo esse respeitavel nos intuitos e na qualidade das suas partes — tudo conspicua gente cujos nomes já correram pelo canudo a tuba da fama e galgaram lepidamente a escadaria d'oiro da gloria.

Em bem do nome do artista que fôra seu amigo, resolveram dar-se em holocausto os grandes homens e, como quer que, no fim de contas, sejam todos das mais preeminentes figuras da intellectualidade portuguesa d'hoje em dia, pensaram que, se fossem para um sitio publico dizer barbaridades em homenagem ao romancista, a admiração por este treparia a olhos vistos, como logico resultado do suggerido confronto, que não pelo brilho da consagração, claramente. A litteratura portuguesa que hoje desabrocha é

d'uma mediocridade largamente verificavel em lacrimiferas obrinhas que correm mundo: todos o sabem, todos o sentem. Se pois os antigos, os do bom tempo, nos vierem mostrar que são exactamente a mesma coisa ou peor ainda e que a notoriedade que usufruem a conquistaram aos empurrões do acaso, certo é que todos os olhos se volverão n'uma saudade para os outros, averiguada e authenticamente illustres, que morreram — glorias ultimas d'uma nacionalidade que liquida.

Todos os oradores que commemoraram no largo do Quintella a inauguração da estatua de Eça de Queiroz disseram, em ultima analyse, a lenga-lenga dos mendigos á beira das estradas, que a opulencia superflua do estylo por vezes maliciosamente disfarçava:

— «Oh almas bemfazejas, vêde esta desgraça e tende dó! Lembrae-vos de como pensava e como dizia aquelle homem que alli está em pedra e vêde a miseria da nossa voz, a indigencia do nosso criterio, o aleijão das nossas fallas; reparae como elle era grande, como a sua obra se impõe á vossa admiração e ao vosso culto e vêde como nós logramos reunir em redor d'essa obra tão alta as mais reveladoras tolices que nos definem e qualificam. Admirae-o a elle de joelhos e tende pena de nós. Oh paes e mães de caridade, olhae para esta desventura!»

Suas excellencias convenceram-nos. Eu dis-

penso-me pois de fallar de Eça e da sua obra n'estas alturas. Fallar d'elle para depois citar sequer o snr. Ramalho, ou o snr. Magalhães, ou o snr. Soares, ou o snr. Oliveira, ou o snr. conde, — por mais elogiativas que fossem as minhas palavras referentes ao romancista — seria um imperdoavel desprezo d'aquelle respeito aos mortos que todas as religiões impõem e todas as consciencias limpas reclamam.

Manda a verdade dizer que o proprio monumento, — obra do nosso primeiro, se não unico esculptor de merito, se como factura de pormenor póde ser perfeito, como concepção e aspecto geral é uma infeliz coisa. Eu não creio, de resto, que Teixeira Lopes, com todas as suas admiraveis qualidades, possa vir a fazer um dia um monumento que por sombras valha em boa arte algumas das suas figuras sagradas ou profanas e isto pela razão simples de que para ser perfeito um monumento não basta que todas as suas figuras sejam bellas. D'este modo, o bloco de marmore que poisa no largo do Quintella, trabalhado pela mão d'um artista illustre, ficará apenas sendo uma obra d'arte que não escandalisa de modo algum o senso esthetico lisboeta e que terá na sua historia, mais tarde recordada, este deprimente pormenor: ter

sido o pretexto d'uma serie inaudita de dislates, arrojados por meia duzia de sobrecasacas pretas ao nome d'um homem que lhes não fizera mal nenhum.

A primasia no attentado regulou-se pelo esmero de corte do vestuario e foi assim que, soberbamente posto, com prodigios entontecedores de irreprehensivel dandysmo, o secretario particular d'El-Rei, sr. conde d'Arnos, tomou a palavra, ao tempo em que o sr. Hintze merencoricamente puxava os cordelinhos e punha a plena luz o monumento.

O sr. conde occupa, alem do seu elevado cargo junto de Sua Magestade, um saliente logar no restricto grupo das creaturas de bom gosto da nossa terra: a sua casa de Lisboa é um modelo d'arte que tem merecido a illustrações de luxo gravuras interessantes e dado pretexto a longos artigos elucidativos que a leitores humildes que não pisam tão opulentas salas, revelam, com larga copia de pormenores, as suas maravilhas. Ha na personalidade do illustre titular, verdadeiro fidalgo pela lhaneza do trato e pela primorosissima educação de homem da côrte, uma contradição que já me fez scismar um largo quarto d'hora em que de todo em todo não tinha mais que fazer: é que esse seu bom gosto, tão rutilantemente demonstrado em minucias da sua vida intima e publica, o não

impede de ceder á tentação de ser homem de letras volta e meia.

Antes de conde — Bernardo Pinheiro, Pindella, tão sómente, — já o mau sestro o impelliu á factura d'um livrosinho chamado *Azulejos* que o bom do Eça, generoso sempre, prefaciou com infinita arte e uma ironia discreta, guarnecendo as paginas do futuro sr. conde do brilho da sua prosa, com o escrupuloso cuidado de lhe tocar de leve apenas. Camillo, incidentemente referindo-se ao fructo das lucubrações do incipiente plumaz, chamou aos *Azulejos* «agradaveis»; Eça, no seu prefacio denomina-os um «livro amavel»; parece que mal não diria quem lhes chamasse «um livro bem educado». O sr. condé d'Arnoso tem escripto depois outros trabalhos e ainda não ha muito foi cúmplice d'esse *Suave Milagre*, — nome, curioso pela antithese, d'um peccado mortal dos mais nefandos.

N'esta homenagem do largo do Quintella, s. ex.<sup>a</sup> foi extremamente sobrio, o que até certo ponto o torna credor do nosso applauso.

«Deveria agora, Senhores, — disse o sr. conde a certa altura — falar-vos da sua prodigiosa obra, que tão profundamente revolucionou toda a nossa litteratura, mas, sobre ser empresa que excede o meu esforço, outros o vão fazer e em palavras que ficarão ecoando nos vossos ouvidos como notas afinadas de clarins triumphaes!»

Pois vamos lá agora ouvir os clarins.



Rompe a musica o sr. conde d'Avila em nome da cidade de Lisboa, e do seu discurso fica a gente sabendo, pelo extracto das *Novidades*, que a cidade de Lisboa compara Eça a Balzac, Sthendal, Flaubert, Garrett, Herculano, Camillo, Castilho e o mestre d'Aviz.

Este ultimo parallelo, sobretudo, intensamente me emociona. Fica desde já prevenida a sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho de que, se amanhã Lisboa resolver premiar n'uma homenagem os seus claros méritos e o sr. conde d'Avila fôr o interprete da cidade, apanha a illustre escriptora comparação fatal com... a padeira de Aljubarrota.

... Mas já novo clarim avança, este desempenado e altivo, com ares de porta-machado: é o sr. Ramalho Ortigão. D'este cavalheiro consta um passado litterario muito lavado, muito hygienico, com exercicios athleticos, banhos frios e largos passeios reconfortantes; as suas ideias são geralmente lucidas — ideias sãs de creatura sã — e a sua prosa grossa e resistente como os seus valentes sapatos de duas solas. Antigamente tinha impetos democraticos de vez em quando, leviandades de rapaz que a absolvição de Leão XIII sanou, para socego absoluto da sua consciencia em sobresalto, e, porque o cheiro a plebe no fim de contas não condiz com a sua louvavel paixão por coisas limpas, o terrivel demolidor das *Farpas* re-

fugiu-se em mais altos meios de conforto. Grande amigo d'Eça, era natural que a sua palavra nos viesse evocar commovedoramente alguns traços typicos da figura do escriptor, que elle, melhor que ninguem, pôde conhecer no trato intimo do homem e do artista. Se Ramalho Ortigão estava bem n'uma homenagem ao amigo morto, não era de certo na qualidade de critico reflectido e sereno; pedia-se-lhe que deixasse fallar um pouco a saudade e certamente a sua palavra teria qualquer coisa de emotivo que chocasse, com agrado de todos, a banalidade postiça da homenagem.

Pois o sr. Ramalho avança dois passos, saca d'uma rima de linguados e sopra com valentia ao seu clarim. (Já agora, o sr. Arnoso ha de dar o almiré para todos elles).

O discurso do laureado auctor dos *Banhos de caldas e aguas mineraes*, pôde, para commodidade de apreciação, dividir-se em tres partes, e desde já tem de ficar dito que uma é grotesca, outra é injusta, outra revoltante.

O sr. Ramalho aproveitou a occasião para fallar de si e achou natural estabelecer um parallelo entre a sua propria pessoa e o auctor da *Reliquia*, pelo simples motivo de terem trabalhado juntos muito tempo.

Por esta parte do seu discurso, incontestavelmente a mais risonha e preciosa, fica a gente sa-

bendo que o sr. Ortigão foi «passarinheiro, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurante espessura dos pinhaes e na desnevada corrente dos rios angustiados e precipitosos das serras da sua provincia». Isto assim foi dito, n'esse mesmo phenomenal estylo, com essa mesma adjectivação extraordinaria — o que sem duvida mais valorisa as soberbas revelações que trazem taes palavras.

Ei-lo pois, amigos meus, o eminente pescador de trutas e antigo passarinheiro, discorrendo criteriosamente sobre a obra de Eça e concluindo que «pela razão de que profundamente se ama tudo o que profundamente se estuda, elle amou profundamente Lisboa, e a pouco e pouco se tornou elle proprio enraizadamente lisboeta, lisboeta até ás mais intimas moleculas do seu organismo, até ás mais profundas criptas da sua alma.»

Já momentos antes de enternecidamente lembrar os precipitosos e angustiados rios da sua terra, o sr. Ramalho declarou que era fim unico do seu comprido arrazoado «fazer notar a Lisboa que Eça de Queiroz é, como romancista, o mais fundamentalmente e mais genuinamente lisboeta de todos os escriptores nacionaes.»

N'estes particulares geographicos em sentenciosos juizos criticos o sr. Ramalho é terrivel. Já foi elle mesmo quem escreveu algures que a obra de Camillo é «essencialmente provincial, delimitadamente portuense», afirmação que, emparcei-

rada com aquella em torno da qual gira toda a sua parlenga d'outrodia nos leva a crer que o musculoso collaborador das *Farpas* poderá, em mais completo estudo, formular uma classificação de escriptores nacionaes por terreolas.

E' de resto um criterio legitimo como qualquer outro e muito apreciavel até n'uma epoca como esta em que os bons criterios falham. O peor é que o sr. João Chagas, no *Janeiro*, não é precisamente da mesma opinião: segundo o chronista, Eça não era tal o escriptor lisboeta que se diz. E' uma pena este desacordo entre criticos de tal envergadura. Eu propunha uma arbitragem: talvez que fazendo os limites de Lisboa um pouco para além da circumvalação, condescendendo um tanto e mettendo lá mais uns arredores de certo nome, se viesse a estabelecer o accordo. E era bom.

... Mas sabem os senhores que terra é essa que o romancista do *Crime do padre Amaro*, no dizer do seu camarada das *Farpas*, tão profundamente e exclusivamente amou? «Uma terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa — mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome.» (Palavras de Eça de Queiroz, no prefacio dos *Azulejos*.)

Cada qual, de resto, entenda a opinião do sr. Ramalho como melhor quizer; nem eu tenho — Deus me defenda! — a pretensão de discutir os

pensamentos profundos do luminoso ornamento das letras patrias. A esses, porém, de mais amplo arcaboço, a quem o trabalho tente, eu notarei que o auctor d'*As praias de Portugal* considera Fradique Mendes, como Carlos da Maia, João da Ega, o Libaninho ou o conselheiro Accacio, um morador de Lisboa . . .

Tudo isto, porém, é inoffensivo, e já o mesmo não succede desgraçadamente com um dos primeiros periodos da sua prosa, que, pelo intuito que se adivinha, pela forma irritante que reveste, é o ponto que revolta em todo o empolado palratorio.

«Não foi general,— disse o sr. Ramalho Ortigão, fallando d'Eça — nem ministro d'estado, nem deputado ás côrtes, e nunca poderes publicos nem sociedades sabias ou recreativas lhe votaram a corôa civica, de heroe, de martyr ou de simples e incategorisado visconde.»

Ora o caso é que logo depois da morte do romancista da *Reliquia*, Fialho d'Almeida publicou n'uma revista de Lisboa um artigo critico que desagradou a muita gente sem que comtudo nenhum dos grandes amigos do morto tivesse a coragem de replicar, como lhes cumpria. Consentiram todos — porque callaram . . .

N'esse artigo havia um periodo, de allusão evidente a Camillo, que começava assim: «Houve, é certo, n'esta metade do seculo, um grande

escriptor portuguez que não foi consul, nem dandy . . . »

A resposta veio agora nas palavras do sr. Ramalho: no Porto existe uma sociedade recreativa com o nome de Camillo, simples e incategorizado visconde foi Camillo. E nem a rethorica do orador deu tento do perigo que havia em fazer lembrar a toda a gente, alli, n'aquelle logar, o nome do nosso primeiro romancista, a quem até hoje Portugal não soube erigir um monumento.

As palavras de Fialho, justas ou não, tinham doído muito, e todos esses que, por indolencia, ignorancia ou egoismo, se callaram, espreitavam a occasião de lançar em despique a insonsa piadinha que afinal o maior d'elles parturejou em tão desageitado ensejo. Porque se as opiniões espendidas no artigo do pamphletario dos *Gatos* sobre a obra de Eça são discutiveis, as palavras em que alludiu ao suicida de Seide são indiscutivelmente da mais inteira justiça. Tocar n'este ultimo ponto, deixando todas as outras afirmações de pé, chega a ser uma cobardia, por seu mal vem sugerir comparações sobre a justiça das homenagens aos nossos grandes homens: e toda a gente, alli mesmo na consagração, havia de se lembrar, olhando o monumento, de que nem Herculano, nem Ca-

millo têm uma estatua em Portugal.<sup>1</sup> O discurso do sr. Ramalho, inferior na fôrma, inferior na essencia, precisava d'isso para que nem os seus admiradores o acolhessem com a sympathia grangeada em antigos e mais louvaveis feitos.

... Vem depois novo clarim: é o sr. Luiz de

---

<sup>1</sup> Em junho de 1902, n'um recondito jornalsinho em que eu então devotamente collaborava na verde illusão de que era lido, publiquei, a proposito do anniversario da morte de Camillo Castello Branco, uma serie de artigos pugnando pela realisacão d'um monumento á sua memoria.

A ideia pareceu fructificar e, dias volvidos, os jornaes do Porto annunciaram uma reunião de homens de letras, reunião que realmente se effectuou com a amavel assistencia de meia duzia das duas ou três dezenas de creaturas convidadas. Resolveu-se em principio coisas grandiosas que uma commissão ficou de conseguir. Tal commissão, de que eu fazia parte, nunca mais reuniu, mas dos trabalhos preliminares a que alguns de seus membros se entregaram tenho eu elucidativas notas que justo é não esquecer n'este momento.

Dos cavalheiros nomeados, uns escusavam-se por irem a seu ver em pouco decorativa companhia, outros accediam vagamente, sem interesse, de outros se vinha a saber com grande espanto que, de ha muito, de conta propria, se empenhavam na realisacão da nossa ideia.

Tivemos de, com magua, abdicar da originalidade de tal ideia. De resto a originalidade não é mais que uma abstracão do nosso espirito: existe só em these, dever-se-hia escrever com letra grande, como Infinito e Deus. Já o errante Verlaine dizia, desolado:

Magalhães, bacharel em direito e maioral franquista. Este cavalheiro tem feito poemas em varios metros e elaborou um romance que Eça, n'uma carta-prefacio, confessou ser uma *Boa Acção*. E' um *travesti* curioso do conselheiro Accacio. Diz as maiores banalidades com o ar de quem pro-

---

Ah! tout est bu, tout est mangé, plus rien à dire!

As ideias originaes já não existem, e d'isso inteiramente nos convencemos quando um membro illustre da Associação dos Jornalistas do Porto nos garantiu que ha muito tal collectividade se empenhava na realisação do nosso intento e precisamente n'aquelle momento resolvera entrar em accesa lucta — formidavel campanha que de tal data a esta parte — e já lá vae um anno! — os senhores decerto têm subidamente apreciado como eu...

Mas ante a prespectiva d'uma homenagem ao maior prosador portugês do nosso seculo, gentinha houve no Porto que se indignou muito a serio. Um dia vi entrar nos escriptorios da supra-citada folha em que eu estava um cavalheiro magro e curvado, de barbita branca encaixilhando o rostosinho pequeno de macaco. Elle ia indignado procurar um meu collega — admirador fervoroso de Camillo e, pela sua honesta bondade, uma das mais consoladoras excepções aos numerosos malandrins que tenho encontrado na minha pouco longa carreira de jornalista — e desejava conseguir um jornalzinho em que Camillo insultara o Porto após o « grande escandalo da Anna Placido. » Elle ia reproduzir, elle ia fallar. Não reproduziu nem fallou, mas o facto em si denuncia a maneira de ver d'uma minoria que não é tal restricta e cujos elementos e influencia eu tive occasião de observar depois com mais vagar. Fica ahi um salutar aviso ao sr. Ramalho Ortigão para que nunca se lembre de descobrir no novellista do *Amor de Perdição* um amor por ahi além



nuncia coisas magistraes. Começou por cumprimentar as damas, executou no tal clarim algumas variações sobre a legenda do monumento, e foi muito applaudido no final.

Em certa altura do seu discurso este senhor recordou uma sua opinião antiga sobre o roman-

---

ao nosso Porto. Vem o tal cavalheiro, que do simio, por signal, julgo que tem, além da face, varios habitos immundos, e reproduz o artigo elaborado depois do « grande escandalo. » Arraza-o...

Mas uma vez, em hora de confidencias, o mais dedicado dos que me acompanhavam na malfadada campanha confessou-me que de toda a obra de Camillo apenas dois ou tres livritos tinha lido e que certamente eu, como elle, não cansaria as minhas solas, nem consumiria o meu tempo para unica gloria do homemsinho:

« — A' custa d'elle a gente sempre ganha nome. »

E, dizendo isto sorria á lembrança fagueira do appetecido nome.

Pela primeira vez pensei então que se alguem fizesse tal conceito de nós tinha razão em parte e nem eu já teria forças de defender a sinceridade d'um grupo que, por um dos seus membros salientes, tão imbecilmente se nos mostrava na sordidez dos seus intuitos. E nunca mais pensei no monumento.

Julgo bem que elle se não fará tão cedo: Camillo teve a desdita de não deixar amigos ricos e a Associação dos Jornalistas vae pensando em coisas transcendentales. Que, com franqueza lhes digo, me não parece essa homenagem uma obra urgente para a benemerita collectividade. Outras ella teria a levar a cabo se quizesse entrar em vida activa, — e de mais pratico e immediato alcance.

Esta, por exemplo: Fundar uma aula d'instrucção primaria, gratuita, para uso exclusivo dos seus associados.

Ahi fica o alvitre . . .

cista. E' esta coisa profunda: « escreve com todas as cores do espectro solar, com oiro diluido, com pedrarias liquifeitas... » Basta!

Chega outro clarim; clarim nostalgico e maguado, esguio e triste. Vem das margens do Mondego onde é de uso ser assim; nos olhos traz a imagem do Penedo da Saudade, no coração a melancolia dos salgueiros pendidos sobre as aguas. Attitude academia, discurso de empreitada, velocidade de expresso, costume apanhado nas aulas em dias de sabbatina e n'uns simulacros de julgamentos que elles lá perpetram quando não têm mais que fazer. E' o snr. Annibal Soares, auctor do *Ambrosio das Mercês*. Tem um ar de somno; ha quem diga que foi de lêr durante a viagem a sua propria obra. Parece ao principio que vae dizer o que sabe, desorienta-se, perde-se, commove-se, e d'ahi a pouco toda a gente percebe que não sabe o que diz. E' muito applaudido.

E surge n'esta altura, excellentemente timbrado, limpido nos agudos, magestoso nos graves, preciso nas cambiantes, ductil e maleavel, um clarim afinadissimo: o snr. Antonio Candido. A musica era tão bella que não foi possivel na cerimonia ouvir a letra e o eminente orador, não a fornecendo á coscovilhice dos jornaes, furtou-nos o prazer intenso de a conhecer por miudo.

Ha quem diga que a letra sem a musica per-

de a graça toda — a maledicencia humana nada poupa! . . .

Seguidamente, o actor Ferreira da Silva que, por procuração, recebera o clarim do sr. Alberto d'Oliveira, disse o melhor que pôde uns detestaveis versos d'este illustre poeta e, no fim, o sr. conde de Rezende, em nome da familia de Eça, que assistiu constrictamente a todo o attentado — agradeceu.

Inspirando-se no monumento, o illustre poeta sr. João Saraiva, compoz uma quintilha que varios jornaes, maravilhados, reproduziram, versos sonoros e vibrantes, preciosos no conceito, originalissimos na forma, d'uma opulencia de rimas que deslumbra, d'um arrojão de concepção que faz tremer:

Ao espirito, que a amou, diz a Verdade :

« Ouvi chamar . . . Aqui me tens ! Existo !

Não foi isto o teu sonho — Realidade ?

E elle, que a procurou com anciedade,

Mexe os labios de pedra e diz : « Foi isto ! »

A phrase do Eça marmoreo parece-me cheia de justiça. Realmente no monumento do largo do Quintella, deante das sobrecasacas negras consagratorias, elle pôde bem dizer que a sua obra tinha

sido aquillo. *Aquillo*, porém, não era a figura de mulher da esculptura, mas toda a selecta assistencia, o melhor das letras, da arte, da burguesia e da politica, que n'aquelle momento o cercava. Era o João da Ega, o Carlos da Maia, o conselheiro Accacio e e Damaso Salcede, era o Alencar, o Palma *Cavallão*, o Eusebio e o Gouvarinho, era o primo Bazilio e o conego Dias, eram todos os grotescos de Lisboa, todos os figurantes da comedia da rua, os pobres-diabos e os mariolas, toda a sociedade que a gente viu desfilar na sua obra e que veio alli, de ponto em branco, descerrar-lhe o monumento.

De resto eu creio que só um pouco de delirio de grandezas fez com que Eça por vezes puzesse Lisboa uma capital corrupta: Lisboa é muito menos uma cidade do vicio que a patria inconfundivel do conselheiro Accacio. Elle é o ministro, o grande homem, o influente, o deputado, o director geral, o professor do lyceu, o lente, o par do reino, o director politico das folhas, o homem do mundo, o titular; elle já faz versos, elle já discursa, elle põe de luto as letras patrias, é protector das artes e organisa festas de luminarias, banquetes, cortejos funebres, centenarios, *pic-nics* nas praias, na praça publica os monumentos.

É por isso que na inauguração elle lá estava soberbo e triumphante, com a sua sobrecasaca abotoada, a sua cartola brunida, o seu *plastron* com

pedras finas. Elle subiu ao estrado, elle bebeu um copo d'agua, elle puxou os trapos, e era facil vê-lo depois, dominador, solemne, ao lado de cada um dos assistentes mais em voga.

Lá estava junto ao sr. Teixeira de Souza com o benevolo ar protector de mestre e amigo; ao pé do sr. Silva Pinto a commovê-lo e a fallar-lhe da Sarah e dos pequenos; muito de mano a mano com o sr. Abel da instrucção publica; dando pançadinhas ao sr. João Chagas a perguntar-lhe por «essa Republica» e a chamar-lhe maganão e revoltado; muito terno para o sr. Fialho, fazendo votos pelo progresso da agricultura do Alemtejo e pela continuação do silencio que s. ex.<sup>a</sup> tem mantido com toda a correcção, commo-  
didade e compostura; e, aproximando-se do sr. Hintze e do sr. Franco (de costas voltadas um para o outro) houve quem o visse limpar uma lagrima furtiva e deixar escorrer dos labios a phrase sacramental dos grandes lances:

—Que profundo desgosto de familia!

---

**As AGUILHADAS** apparecem  
em volumes de 16 a 32 paginas,  
ao preço avulso de 50 réis.

**Assignatura annual (pagamento  
adeantado) 500 réis.**